

## **Automobilistas e peões – o dilema**

Ser peão nos dias de hoje não é tarefa fácil. Com a proliferação dos automóveis na cidade, o espaço que lhes ficou reservado foi progressivamente diminuindo, enquanto o destinado aos automóveis foi crescendo rapidamente. Os padrões de consumo, o *status* social que se pretende impor e os péssimos serviços de transporte público que temos disponíveis ditaram a supremacia do veículo individual.

Infelizmente, o mal não é apenas este. Não satisfeitos com o facto de, na maioria das viagens que realizam, conduzirem o seu veículo sozinhos (ocupando, pois, um espaço muito superior ao de um passageiro de autocarro), estacionam ainda abusivamente sobre os passeios, revelando um desprezo absoluto pelos peões. Ironicamente, o objectivo, na mentalidade dessas pessoas, até é saudável: trata-se de evitar incomodar os outros automobilistas. Ou seja: nesta concepção, os automóveis têm prioridade sobre os peões, ao contrário do que estipula o código da estrada e o bom senso.

Esta situação ocorre, antes de mais, devido à falta de cultura cívica da nossa população. É um facto incontornável – e, como vemos, facilmente perceptível. Por outro lado, a maioria dos automobilistas deve ter alguma aversão a andar a pé (ainda que seja muito mais saudável, mas só quando os problemas de saúde aparecem é que se lembram de ir para o ginásio), pelo que raramente passam pela traumática experiência de querer caminhar e serem obrigados a contornar todo o tipo de obstáculos. E aqui não falo só nos automóveis sobre os passeios; falo também nos sinais de trânsito, nos postes de iluminação, nos toldos das lojas, nos passeios esburacados, todos eles estrategicamente colocados para dificultar a passagem. Tudo isto é revelador de uma cidade que parece ignorar os peões, especialmente aqueles com deficiências.

Seria bom que o ser humano reflectisse mais sobre o impacto das suas atitudes sobre os outros. Vivemos numa sociedade. A frase é um lugar comum, mas nem por isso parece ser aplicada: a nossa liberdade acaba onde começa a dos outros. Por quê, então, agir como se vivêssemos isoladamente?

Nuno Quental  
nquental@mail.esb.ucp.pt  
9/7/2002